

Priscila Nogueira Branco*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Palavra de mulher e Alsina Alves de Lima: antologia, poeta e reabertura de arquivo

Resumo: A partir do desarquivamento da antologia *Palavra de mulher* (1979), organizada pela poeta e ficcionista Maria de Lourdes Hortas, que conta com 45 poetas mulheres publicadas, este artigo entrelaça a ideia da arquivística como um ato de escolha histórico e a concepção de antologia como formadora de memória, de cânones e, também, de arquivo. A poesia e a biografia da poeta Alsina Alves de Lima, mulher, sulista e negra, presente na antologia, são resgatadas e apresentadas, juntando alguns poemas e informações encontrados nas obras *Cadernos literários 6* (1982) e *Nossa geração. Publicação do diretório estadual de estudantes do Rio Grande do Sul* (1966). Por último, refletimos sobre o processo de reedição de *Palavra de mulher*, pela Macabéa Edições, como uma forma de rearquivamento e reescrita da História.

Palavras-chave: Arquivo, Antologia, Poesia, Edição

Abstract: Based on the opening of the archive of the anthology *Palavra de Mulher* (1979), organized by poet and fiction writer Maria de Lourdes Hortas, which contains 45 women poets, this article interlaces the idea of archiving as an act of historical choice and the conception of anthology as formator of memory, of canons and, also, of archives. The poetry and biography of the poet Alsina Alves de Lima, a woman, from the south of Brazil and black, present in the anthology, are rescued and discussed, bringing together some poems and information found in the works *Cadernos literários 6* (1982) and *Nossa Geração. Publicação do diretório estadual de estudantes do Rio Grande do Sul* (1966). Finally, we reflect on the process of re-editing *Palavra de mulher*, by Macabéa Edições, as a form of re-archiving and rewriting History.

Keywords: Archive, Anthology, Poetry, Edition

1. Palavra de mulher: antologia e arquivo

Pensar a poesia brasileira produzida por mulheres na contemporaneidade parte de uma exigência fundamental de reescritura da história literária e de uma pesquisa arqueológica de nossa memória cultural. Quando observamos o atual “surto” poético dos dias atuais, com diversas poetisas escrevendo, publicando e se organizando como editoras de revistas, antologistas e críticas, tendemos a observar esse fenômeno como algo novo e diferenciado. Pode-se dizer que há diferenças no espaço literário hoje se comparado a 50 anos atrás, mas, para entendermos como chegamos a esse cenário, precisamos voltar os olhos para o passado e, mais ainda, descobrir o que foi apagado e velado.

Pelo fato de nossos compêndios literários e nosso cânone terem pouquíssimas mulheres referenciadas, o imaginário popular se embasou em uma teoria de que as mulheres, ao longo da história de nosso país, escreveram pouco ou publicaram menos ainda. Porém, a questão a ser apontada não é a escassez de produção poética de autoria feminina, e sim um apagamento da memória que chega até o presente, através das escolhas que foram feitas de manutenção ou não de arquivos e o que foi e não foi citado nos livros de história da literatura brasileira.

Acerca de importante pesquisa iniciada nos anos 80,¹ de resgate de escritoras brasileiras, Constância Lima Duarte afirma que:

Buscar a memória cultural em um país que não cultua a memória não é tarefa fácil. Um verdadeiro puzzle precisava ser montado, e peças fundamentais – como os próprios livros escritos pelas mulheres – custavam a aparecer. Após a descoberta de um título, tinha início a batalha por sua localização, verdadeiro trabalho de arqueologia literária, tão caro à crítica feminista. (Duarte 2018: 65)

É justamente sobre essa dificuldade de resgate e remontagem dos pedaços de arquivos encontrados ou ausentes que este artigo se debruça, tentando apresentar uma nova luz nos estudos literários sobre a produção poética dos anos 70 no Brasil, ao tratarmos da antologia *Palavra de mulher – (poesia feminina brasileira contemporânea)*, organizada e publicada em 1979 pela poeta e ficcionista Maria de Lourdes Hortas, contando com 45 poetisas² de diversos estados brasileiros e das mais variadas idades.

A descoberta dessa antologia gera uma reabertura dos arquivos literários a que temos acesso. Quando pensamos a poesia brasileira produzida naqueles anos, a referência principal é a geração marginal, caracterizada por jovens homens brancos, da zona sul do Rio de Janeiro. A antologia de Heloisa Buarque de Holanda, *26 poetisas hoje*, publicada em

1976, dá a tônica, até hoje, dos estudos da poesia dos anos 70, juntamente com a valiosa pesquisa realizada por Carlos Alberto Messeder Pereira e publicada logo no início dos anos 80 com o título *Retrato de época – poesia marginal anos 70*. Enquanto na antologia de Heloisa a maioria dos poetas são homens do eixo Rio-São Paulo, *Palavra de mulher*, por outro lado, apresenta uma vasta produção exclusivamente feminina do Brasil todo, dando-nos a possibilidade de pesquisar novas poetisas fora do Sudeste.

Para a pesquisadora Silvana Serrani, ao discutir sobre antologias e sua importância na constituição de arquivo e memória, “o gênero contribui diretamente para formar e transformar cânones, confirmar reputações literárias e estabelecer ou interferir em práticas letradas de gerações de leitores” (Serrani 2008: 270). Ou seja, a organização de antologias influencia diretamente nas referências de produção literária em nosso país. Além disso, elas também são fontes importantes de memória e podem gerar discussões sobre as escolhas feitas na época em que foram produzidas, ao se pensar a questão de gênero, raça, região e política.

Constância Lima Duarte também aponta a importância das antologias “não apenas como resgate, mas como constituição de um novo arquivo” (Duarte 2018: 69). Se compreendemos a noção de um “mal de arquivo” partindo da ideia de “pulsão de morte” e apagamento apontados por Derrida (2001: 23), o arquivo está sempre à beira do esquecimento e da destruição. Portanto, resgatar uma antologia, com 45 poetisas mulheres, muitas esquecidas pela história da literatura, como Alsina Alves de Lima e Dayse Lacerda, ao lado de grandes nomes já reconhecidos pela crítica como Adélia Prado, Hilda Hilst e Henriqueta Lisboa, funciona como uma resposta ao apagamento do arquivo, fazendo pulsar a vida contra a morte, e gerando, como dito por Constância, um novo arquivo a partir do silenciamento.

Mesmo essas poetisas, citadas acima, que hoje são reconhecidas, trilharam um caminho de resistência e persistência para serem reconhecidas dentro do espaço literário. Henriqueta Lisboa, por exemplo, teve o cuidado e a perspicácia de criar seu próprio arquivo, reunindo recortes de memórias sobre sua obra ao longo de sua vida, muito provavelmente por já compreender o memoricídio³ por que passam as mulheres em todos os âmbitos da vida cultural. No livro *O ar de uma teimosia* (2020), escrito pela pesquisadora Ana Elisa Ribeiro e lançado pela Macabéa Edições, são traçados os caminhos de “teimosia” de Clarice Lispector, Lúcia Machado de Almeida e Henriqueta Lisboa dentro do meio editorial, apontando como as escritoras precisaram batalhar para serem publicadas e lembradas pela crítica.

Infelizmente, no Brasil, há pouco interesse na manutenção de nossa memória, portanto há pouco investimento em acervos e conservação de arquivos literários, além de a pesquisa estar sofrendo constantes ataques e precarizações, fazendo com que esse tipo de resgate se torne uma forma de resistência. Maria da Glória Bordini afirma que “a memória da literatura brasileira depende de edições das obras dos autores em circulação no mercado de livros e da existência de leitores que as adquiram, leiam e conservem”

(2009: 35). Só tivemos acesso a essa antologia, *Palavra de mulher*, devido à compra em um sebo, que conservou a publicação de 40 anos atrás. Além de esta pesquisa ser realizada dentro do NIELM (Núcleo Interdisciplinas de Estudos da Mulher na Literatura), da UFRJ, que aprofunda, entre suas e seus pesquisadores, a necessidade fundamental de resgatar mulheres poetisas na história e reescrever o espaço literário.

As universidades públicas têm sido um grande instrumento de restauração e resgate da memória brasileira, devido a iniciativas das pesquisadoras e pesquisadores com seus alunos, justamente por compreenderem que, se dependermos de iniciativas governamentais, perderemos muitas fontes de pesquisa e manutenção arquivística. Sobre isso, o pesquisador Reinaldo Marques afirma que:

Tais centros empenham-se na reunião, organização e preservação de arquivos e coleções, de conjuntos documentais diversificados, contribuindo para a salvaguarda do nosso patrimônio quer arquivístico e bibliográfico, quer museológico. Com isso, à tarefa primeira de geração de conhecimento e sua disseminação, as universidades agregaram a tarefa de organização e preservação das fontes primárias de pesquisa, bem como de sua disponibilização para a consulta por parte da comunidade acadêmica e do público em geral. (Marques 2008: 111)

No mesmo artigo, o pesquisador aponta que, apesar de as universidades se dedicarem a essa tarefa da preservação da memória literária, começamos tarde nessa atuação. O primeiro acervo para conservar os arquivos ligados à literatura data da década de 60 em nosso país, ou seja, menos de 60 anos. É muito pouco, se considerarmos a grandiosidade de produção literária em centenas de anos no Brasil, e isso pode explicar um pouco por que temos tanta dificuldade em resgatar as escritoras mulheres dos séculos passados.

Sobre a questão do mercado editorial, a que se refere Bordini, citada anteriormente, este artigo também refletirá sobre o processo de tentativa de reedição de *Palavra de mulher*, como forma de instituição de um novo arquivo no presente, a partir de um desvelamento do passado. A Editora Fontana, responsável pela publicação da antologia em 1979, não existe mais, porém, após muita pesquisa, conseguimos localizar a antologista, Maria de Lourdes Hortas, com quem temos mantido conversas dentro do núcleo de pesquisa (NIELM). Através da Macabéa Edições, editora voltada para a publicação de mulheres, está sendo feito um rastreamento das autoras ou dos familiares, para que haja autorização de republicar a obra e fazê-la circular atualmente.

Além disso, gostaríamos de transformar as narrativas futuras de pesquisas que olharão para os anos 70, dando a possibilidade de novos pesquisadores e leitores conhecerem as obras e a vida das poetisas que produziam ativamente na época, mas que não permaneceram no rastro construído da história literária brasileira:

A escritora de hoje talvez esteja também consciente do caminho que faz, até porque as discussões sobre a violência simbólica estão, mais do que nunca, acesas. No entanto, considero

o diálogo com o passado necessário para um melhor posicionamento sobre a atualidade e os esforços executados por antecessoras que, se não contarem com suas sucessoras poetisas, professoras, editoras, antologistas e tradutoras, ainda poderão ser apagadas das narrativas futuras, sobre um passado ainda fugidio, tornando-se o que tenho chamado de inenarradas ou, na melhor das hipóteses, de subnarradas. (Ribeiro 2020: 130-131)

Como aponta Ana Elisa Ribeiro em seu livro, é tarefa dessa nova geração de mulheres reescrever a história das mulheres que foram “inenarradas”. Portanto, a compreensão de preservação de arquivos (sejam eles livros, antologias, recortes de jornais, achados em revistas, cartas) e sua reabertura ou, ainda, sua criação é fundamental quando pensamos a poesia de autoria feminina.

Compreendendo que o ato de arquivar é algo que põe em questão mais o futuro do que o passado (Derrida 2001: 48), queremos hoje, olhando para quase 50 anos atrás, transformar em um arquivo acessível essa descoberta valiosa: publicizar a antologia, escrever artigos sobre ela, apresentar as poetisas esquecidas dentro dos núcleos de pesquisa e encabeçar um processo editorial que, dando visibilidade ao arquivo e fazendo com que ele seja repensado, combata a pulsão de morte do apagamento.

A pesquisadora Elisa Helena Tonon, pensando a poesia brasileira através de antologias, aponta que há dois tipos distintos de arquivamento: uma forma de produção antológica mais restrita, que vise à inclusão de autores a partir de uma compreensão de “estética superior”, de exemplaridade; e a outra, que é voltada para o ato de documentar um processo de produção literária em um recorte específico de tempo (Tonon 2018: 5-6). Esta segunda forma, a de documentação, é a que tende a incluir mais nomes, mas extrapola simplesmente o ato de escolher do antologista e parte para uma tentativa de registro de um tempo histórico.

Apesar de as escolhas estarem sempre presentes, devido a um limite material do livro ou um limite do corpo mesmo, no sentido do alcance e do contato que temos com os autores que estarão em uma antologia, pensamos que o tipo de arquivamento em que a antologia *Palavra de mulher* se encaixa é o de documentação, uma vez que a antologista Maria de Lourdes Hortas afirma na APRESENTAÇÃO o seguinte:

Finalmente quero deixar bem claro que a intenção desta coletânea é a de se constituir, principalmente num *registro*, subsídio não só literário, mas social. [...] Que ao menos fique como símbolo de um tempo em que estivemos – caótico, assustador, contundente – onde nem todas as ilusões se apagaram e o maravilhoso sobrevive. (Hortas 1979: 14)

De fato, a intenção de Maria de Lourdes Hortas se concretizou, pois a antologia chegou às mãos de pesquisadores quase meio século depois, sendo, realmente, uma fonte documental importantíssima para entender melhor a produção poética produzida na época, fazer estudos comparativos, pensar a recepção da obra (pois há diversos relatos

em jornais e periódicos anunciando o lançamento e falando de poetisas publicadas na antologia) e conhecer poetisas que não chegaram até nós em 2021, apesar de muito ativas no espaço literário da época, participando como editoras ou colaboradoras em jornais literários, organizando saraus nas ruas e influenciando no espaço poético brasileiro.

2. Alsina Alves de Lima: rastreando sua biografia

Neste primeiro momento, como forma de resgate e tentativa de juntar os fragmentos da pesquisa arquivística, escolhemos a poetisa Alsina Alves de Lima, uma das 45 poetisas publicadas na antologia *Palavra de mulher*. Essa escolha se justifica por três razões: a primeira, por ser uma mulher negra, e sabemos que o memoricídio é ainda maior quando incluímos a questão racial somada com o gênero feminino; a segunda, por Alsina ser uma poetisa fora do Sudeste: é do Sul; a terceira, pela dificuldade de encontrar referências à sua vida e à sua obra, gostaríamos de compartilhar todo e qualquer avanço de pesquisa em relação aos fragmentos encontrados de sua poesia e biografia.

Na seção “Notícias sobre as autoras incluídas”, no final de *Palavra de mulher*, a pequena biografia de Alsina Alves de Lima vem logo após a de Adélia Prado, seguindo uma ordem alfabética:

ALSINA ALVES DE LIMA

É gaúcha, reside em Porto Alegre, escreve poesia há mais de vinte anos, mas só agora está organizando o seu primeiro livro. Tem poemas publicados em vários jornais de sua terra. Alsina é técnica em educação, graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e especialista em Linguística (nível de pós-graduação) pela PUC do seu estado. (1979: 189)

Como podemos observar, na época Alsina já tinha anos de experiência com a escrita mas, como muitas mulheres, ainda não havia publicado seu primeiro livro. Também como muitas escritoras (inclusive contemporâneas), o caminho trilhado antes da publicação foi através de periódicos locais (quando há mulheres no editorial, a publicação de mulheres torna-se menos difícil).

Assim como com todas as outras poetisas da antologia, fizemos uma pesquisa vasta para encontrar outros dados biográficos de Alsina pela internet, em busca de qualquer fragmento que pudesse indicar idade, etnia, condições sociais, outras publicações, livros lançados, atuações, outros poemas além dos publicados em *Palavra de mulher*. Encontramos duas informações fundamentais, mas bem pequenas, sobre a poetisa, que nos encaminham a pesquisar dois objetos que continham seus poemas: um caderno literário e uma antologia.

Em artigo publicado no site do *Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades* e escrito por Priscila Pasko, com o título “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?”⁴ encontramos uma rápida referência à poetisa Alsina, além da indicação de um caderno literário com poemas da autora - *Cadernos Literários 6* (Edição Caravela) (1982):

A historiadora Camila Petró concedeu as imagens do Cadernos literários 6 (Edição Caravela), publicado em 1982, pelo Instituto Cultural Português. Ali constam poemas da poeta Alsina Alves de Lima. São mencionadas outras três escritoras negras (poetas e cronistas) no Cadernos Literários 19 – Poetas Negros do Brasil, uma homenagem do Departamento de Assuntos Africanos-Instituto Cultural Português, de Porto Alegre, publicado em julho de 1983. Nele, entre as constam poemas de Gloria Terra (1962), Mirna Rodrigues Pereira (1955) e Naiara Rodrigues Silveira (1969).

Nessa curta citação, compreendemos que Alsina era uma mulher negra, o que nos leva a refletir sobre o apagamento duplo por que passa a memória de uma mulher negra no Brasil. Além disso, na busca por Alsina, acabamos nos deparando com mais outras poetisas negras do Sul que desconhecíamos: Gloria Terra, Mirna Rodrigues Pereira e Naiara Rodrigues Silveira, que publicavam antes mesmo dos anos 70, dado importante de se levantar, pois mostra como o arquivo de muitas mulheres precisa ser criado, hoje, dentro das áreas de pesquisa literárias, inclusive para gerar outros arquivos, como uma grande rede de conexões.

A partir da leitura desse artigo na internet, conseguimos adquirir um exemplar de *Cadernos Literários 6* (Edição Caravela) (1982), em um sebo, que conta com uma foto de Alsina, uma biografia junto com uma análise literária realizada por Antônio Soares, diretor da edição, e 15 poemas da autora. Além disso, há outras três poetisas que não conhecíamos, publicadas nesse caderno: Aparecida de Oliveira Gomes, de São Paulo (SP); Ethel Pacheco, de Porto Alegre (RS); e Santa Inêze da Rocha, de Quarai (RS).

Nessa biografia que acessamos, obtivemos novas informações: Alsina se tornou especialista em linguística aplicada, publicou seus poemas em diversas antologias e revistas e afirma que publicará em breve *Roda d'Água – poesia* (Vol. 1 e 2). Não sabemos se esse título se refere a seu primeiro livro de poemas (que, pela ausência de afirmação nessa biografia, ainda não havia sido publicado) ou a uma publicação em mais uma antologia. Acreditamos que seja seu livro, pois, em *Palavra de mulher*, três anos antes, a poeta afirmou que estava organizando seu livro na época (e já escrevia há 20 anos, ou seja, provavelmente tinha uma vasta produção!).

Não encontramos nenhum rastro desse livro que Alsina afirmou que estava organizando. Também não encontramos esse livro com dois volumes citado acima (caso fosse uma antologia). Uma pergunta que precisamos fazer é: por que Alsina não conseguiu publicar nesses três anos? Se publicou, por que seu livro não chegou aos nossos dias? Vontade por parte da autora havia, já que estava recolhendo seus poemas para publicação e chegou a anunciar que seu primeiro livro estava vindo. Por que a poesia de Alsina não foi devidamente arquivada?

O outro objeto que encontramos foi uma antologia chamada *Nossa geração – publicação do Diretório Estadual de Estudantes do Rio Grande do Sul* (1966). Na folha de rosto, um outro nome: *Antologia poética dos universitários do Rio Grande do Sul*. Nessa antologia, que

se afirma ser a primeira antologia poética organizada por universitários do país, não há foto nem biografia de Alsina, e há apenas um poema seu, que abre a edição. Esse livro foi descoberto a partir de uma outra pequena citação, no site da Mídia Negra RS, em artigo chamado *Palavra de negro*:⁵

A década de 70 já tem na poesia o trabalho de Alsina Alves de Lima, que em 1966 já mostrava um poema sobre a condição feminina em obra coletiva, *Nossa Geração*, do Diretório Estadual de Estudantes (RS). Talvez não tenha conseguido publicar seu livro *Roda d'Água*, de modo que, após sua morte, torna-se mais precioso o volume 6 dos *Cadernos Literários* do Instituto Cultural Português, editado em Porto Alegre em 1982. Ali estão um comentário crítico de Antônio Soares sobre a escritora e uma valiosa coleção de 15 poemas datados: 1966 a 1981. Em *Meu Poema*, de 1971, ela diz:

Sendo pobre e mulher/ e sendo negra
quero meu poema/ como quero a vida
sem cercamentos/ sem desencontros
sem segregação.

Essa citação faz referência direta ao *Cadernos Literários 6*, apontado anteriormente, e fala do título do possível livro de Alsina, provavelmente informação retirada da nota biográfica que também citamos. Como essa afirmação sobre seu livro de poesia foi retirada do mesmo lugar que apresentamos, nossa dúvida continua a mesma, pois a informação está um pouco ambígua, no texto da biografia. Não sabemos se a poeta se refere a seu próprio livro ou se esse título seria mais uma antologia de que ela iria participar. De qualquer forma, também não se sabe se o livro foi publicado ou não.

Enquanto *Palavra de mulher* tem três poemas de Alsina (sem data) e *Cadernos Literários 6* tem 15 (de datas variadas e espaçadas, havendo poemas datados de 1966 até 1981), infelizmente na antologia *Nossa geração* só há um poema da poeta (que pode ter sido escrito antes de 1966 ou nesta data, quando foi lançado o livro). Porém, essa antologia é importantíssima para nos dar uma possível aproximação da idade de Alsina nessa época, pois na folha de rosto da antologia consta que os poemas são de universitários do Rio Grande do Sul. Ou seja, podemos calcular, provavelmente, que a poeta tenha nascido na década de 40, pois estava cursando graduação com seus vinte e poucos anos, o que pode nos facilitar futuras pesquisas e buscas em jornais e periódicos locais.

Convém lembrar, também, que, em 1979, ano em que foi publicado *Palavra de mulher*, Alsina afirmava que já escrevia há 20 anos, ou seja, desde aproximadamente 1959. Relacionando essa informação com a publicação da antologia de universitários, *Nossa geração* (1966), podemos supor que a poeta começa a escrever entre a adolescência e o início da vida adulta. Apesar de nenhum livro publicado ter chegado até nós, em 2021, Alsina Alves de Lima foi uma poeta que escreveu por muitos anos e desde nova.

3. Alguma poesia de Alsina Alves Lima

Como forma de divulgação de sua poesia e introdução de uma análise crítica, observaremos três poemas de Alsina, recolhendo-os das três publicações que aqui apresentamos: “Sem tempo e espaço”, que abre a antologia universitária *Nossa geração* (1966); “Meu poema”, datado de 1971 e presente no *Cadernos Literários 6* (1982); e “Debate”, um dos três poemas da poeta publicado em *Palavra de mulher* (1979), obra-chave para os estudos de muitas mulheres que escreviam nos anos 70:

Sem tempo e espaço

Mulher no sul,
mulher no norte,
mulher com vida,
mulher com morte.

Mulher na noite,
mulher no dia,
mulher sem história
e sem geografia.

Meu poema

Eu sou pobre porém quero
meu poema universal
livre de fomes e passeatas
e inferioridades sociais.

Sou mulher porém eu quero
meu poema universal
livre de medos e de enganos
e inferioridades sexuais.
E sou negra mas eu quero
meu poema universal
livre de ódios e lamentos
e inferioridades raciais.

Sendo pobre e mulher
e sendo negra

quero meu poema
como quero a vida
sem cerceamentos
sem desencontros
nem segregação.

Debate

Eu bato à porta do meu país
porém ninguém pode atender

alguns muito ocupados
a juntar gotas de água
para um filho não morrer,

os demais tão concentrados
em assembleia permanente
a planejar, a debater
sobre a forma conveniente
e piedosa de dizer
a quem vai morrer de sede
que os demais lamentarão
lamentarão.

Dou meia-volta desalentada
porque se sabe
que muitos serão mortos
bem antes que o debate acabe
e antes que se possa ver
o que tenho em minha mão
- inútil mapa de uma fonte
que se acaba de fazer.

Os três poemas de Alsina escolhidos seguem uma linha de resistência política clara: escrever sendo mulher, pobre, negra e brasileira, elementos que, por si só, se afastam da ideia de poesia sacralizada e universalizante vendida durante anos em nossos meios literários, como se a poesia fosse descolada da realidade de quem a escreve.

No primeiro poema, “Sem tempo e espaço”, podemos observar como a poeta convoca todo tipo de mulher, apesar das diferenças de sua localização e idade, de estar viva

ou morta, para um lugar comum: o poema. Podemos entender a referência de “sul” não como simplesmente a divisão dos polos da Terra, usando uma bússola, mas a localização da própria Alsina, como brasileira sulista, ainda mais por esse poema estar dentro de uma antologia de estudantes do Rio Grande do Sul.

Se pensamos nos adjuntos escolhidos por Alsina para acompanhar a palavra “mulher”, compreendemos que a poeta pensa nas jovens (com vida), nas velhas (com morte), nas que conseguiram algum tipo de visibilidade (no dia), nas que estão na escuridão (na noite, e aqui o leque de interpretações é ainda maior: pode remeter às mulheres que não conseguem ser vistas, às mulheres que têm medo da violência noturna, às prostitutas que trabalham à noite) e, por fim, em todas mulheres que foram apagadas da memória histórica de nosso país.

Os últimos dois versos nos fazem retornar ao título: se inicialmente pensamos essa ideia de “sem tempo e espaço” como uma forma de unificar todas as mulheres, ou seja, as mulheres sempre têm algo em comum, após a leitura dos últimos versos percebemos também que é a falta de pertencimento e de memória que une todas as mulheres: o apagamento. Alsina, poeta que foi apagada de nossa história literária, já previa esse acontecimento em seu próprio poema.

Em “Meu poema”, a tensão entre um poema “universal” e um poema de uma mulher negra e pobre se apresenta desde o início. Na primeira estrofe, ela apresenta sua condição de ser pobre, mas afirma que quer o poema livre das lutas sociais em que está metida por estar nesse grupo social, e livre também da condição de miséria a que essa classe está submetida (ou seja, o poema deve estar não só distante da vida política, mas da vida vivida também).

Na segunda estrofe, é importante observar que “ser mulher” e “ser negra” não se dividem em estrofes diferentes, como era de se esperar, já que a construção da primeira estrofe se separa desta; estão juntas na mesma estrofe porque estas duas características são indissociáveis: mulher-negra, não uma e outra. Repete-se a construção inicial do desejo pela ideia de universalidade.

A questão chave desse poema é entender que essa vontade pelo universal é desconstruída a todo tempo, transformando o óbvio em um esconderijo do velado: primeiro com o título “Meu poema”, que já lança o teor do conteúdo para o âmbito do individual e da vida de Alsina, afinal, o poema é dela, não do leitor; segundo, o poema já é escrito apontando o que significa a vida de uma mulher, pobre e negra, então ele é construído de uma forma que mostra essa condição e trata dela, apesar de dizer que quer o universal; e por último, na estrofe final, Alsina relaciona o desejo de transformar o poema ao desejo de transformar a vida, ou seja, podemos desejar que as coisas sejam diferentes, mas tanto o poema e a vida são o que são, e estão longe de serem universalizantes.

Portanto, esse poema, apesar de parecer apontar para um caminho em uma primeira leitura, mostra exatamente o outro lado. Além disso, pode se apresentar também como uma crítica à poesia dita universal, por isso reconhecida e lida: a poesia escrita por

homens brancos e de classes sociais não pobres. O desejo pelo reconhecimento existe, mas, ainda assim, Alsina não abre mão: é SEU o poema.

O último poema, “Debate”, caminha no sentido de uma angústia política e poética, retratando um Brasil dos anos 60-70: a miséria, a militância e o ato artístico. O título do poema pode se referir, primeiramente, a uma crítica à militância que muito fala e pouco faz, mas, em um segundo momento, pode se remeter a uma conversa da poeta com ela mesma, no sentido de se perguntar se vale a pena escrever poemas em um tempo em que ninguém a escuta: uns, porque morrem de fome; outros, porque estão preocupados com as assembleias.

O uso de itálico na palavra “forma” dá a tônica de poema metalinguístico, quando pensamos que não é só como falarão os políticos com o povo, mas a forma do poema que se comunica, que também é algo difícil de se fazer enquanto pessoas não têm o que comer. Além disso, na última estrofe, a poeta afirma que tem em suas mãos (metáfora para o ato de escrever) um mapa que pode guiar o caminho a uma nova fonte. No início do poema, há a imagem de pessoas juntando água para ter o que beber. Quando usa a imagem da fonte para pensar a poesia, a poeta termina com um tom dúbio entre pessimismo e esperança: negativo, porque esse mapa é inútil; mas positivo porque é uma fonte, então há ali um resquício de possibilidade de a poesia fazer parte de um processo de mudança e de resistência. O problema é que não há tempo: muitos serão mortos antes de a potência da poesia explodir e de os militantes realizarem sua revolução.

Esses três poemas nos apresentam uma poesia de cunho social, com imagens bem construídas e pensadas, e fazem com que nos aproximemos de uma Alsina Alves de Lima consciente de seu tempo, de sua condição de mulher, negra e brasileira e disposta a continuar escrevendo. Queremos dar “tempo” e “espaço” para essa poeta sulista e abrir a possibilidade de encontrarmos sua vasta produção poética para que seja devidamente lida e estudada.

4. Reeditando a antologia e a História

Terminamos este artigo apontando para o futuro, seguindo o pensamento de Derrida sobre um arquivo ser um ato que conversa com o passado olhando para o tempo que ainda está por vir. Para que possamos arquivar algo pela primeira vez ou rearquivar coisas esquecidas, é preciso que tenhamos acesso a elas, que conservemos, divulguemos e que escolhamos fazê-lo. Portanto, a reedição de *Palavra de mulher*, pela Macabéa Edições, é uma tentativa de reabertura do arquivo criado por Maria de Lourdes Hortas, em 1979.

Essa reedição é um processo que está em andamento e caminhando com diversas dificuldades, pois muitas poetisas ou familiares são difíceis de localizar. A poeta Alsina Alves de Lima é um exemplo disso, pois não é só sua obra que não está devidamente arquivada, mas também seus dados biográficos e possíveis contatos de familiares. Ainda assim, seguimos com a esperança e com a vontade consciente de conseguir todas as autorizações necessárias para a reedição.

Fazer essa obra circular novamente no Brasil é uma forma de reescrever a história dessas muitas mulheres que publicaram, editaram e atuaram na vida literária e cultural durante a ditadura militar. É um ato de repensar os outros estados brasileiros, para além da dominação Rio-São Paulo. É trilhar um caminho de resistência em nosso país, onde uma mulher, negra e pobre, como Alsina Alves de Lima, possa ser símbolo da literatura brasileira produzida em nossa terra.

NOTAS

* Priscila Branco é mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ e doutoranda no mesmo curso e instituição. Faz parte do NIELM (UFRJ) – Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura e do Mulheres na Edição (CEFET – MG). É curadora e editora da Revista Toró (ISSN 2675-8571) e parte do corpo editorial da Macabéa Edições, editora voltada para a publicação de autoria feminina.

¹ Essa pesquisa apontada por Constância Lima Duarte deu origem aos três volumes do projeto intitulado *Escritoras brasileiras do século XIX*, coordenado por Zahidé Muzart e publicado pela editora Zahar.

² São elas: Adélia Prado, Alsina Alves de Lima, Ametista Nunes, Anilda Leão, Bruna Lombardi, Carmelita Pinto Fontes, Celina de Holanda, Cleonice Rainho, Dayse Lacerda, Deborah Brennand, Elza Beatriz, Elizabeth Marinheiro, Estephânia Nogueira, Eunice Arruda, Fátima Girão Pinto, Giselda Moraes, Henriqueta Lisboa, Hilda Hilst, Ilka Brunhilde Laurito, Irene Dias Cavalcanti, Kátia Bento, Laís Corrêa de Araújo, Lara de Lemos, Lélia Coelho Frota, Lenilde Lima de Freitas, Lia Luft, Lourdes Sarmento, Lúcia Ribeiro da Silva, Maria do Carmo Barreto Campello de Melo, Maria José Giglio, Maria de Lourdes Hortas, Maria da Paz Ribeiro Dantas, Marta Gonçalves, Mirella Márcia, Neide Archanjo, Núbia Marques, Olga Savary, Renata Pallottini, Sonia Guilliod, Sonia Queiroz, Stella Leonardos, Tereza Halliday, Tereza Tenório de Albuquerque, Yeda Estergilda, Zila Mamede.

³ Memorocídio é um termo trazido para os estudos literários pela pesquisadora Constância Lima Duarte. É usado para explicitar o apagamento das escritoras da memória cultural e literária de nosso país.

⁴ <https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/16074/por-que-nao-conhecemos-as-escritoras-negras-gauchas> último acesso em 27 de agosto de 2021.

⁵ <http://midianegrars.blogspot.com/2007/01/palavra-de-negro-por-oliveira-silveira.html> último acesso em 27 de agosto de 2021. O artigo citado foi retirado de um livro, *Negro em Preto e Branco*, e escrito por Oliveira Silveira.

BIBLIOGRAFIA

- Bordini, Maria da Glória (2009), “Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira”, *Patrimônio e memória*, vol. 4, nº 2, 35-54, <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/54>> (último acesso em: 28/08/2021).
- Costa, Paulo Gouvêa da (org) (1966), *Nossa geração*. Publicação do Diretório Estadual de Estudantes do Rio Grande do Sul.
- Derrida, Jacques (2011), *Mal de arquivo - uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- Duarte, Constância Lima (2018), “Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada”, *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 30, 63–70, <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9136>> (último acesso em: 28/08/2021).
- Hollanda, Heloisa Buarque de (2007) (org), *26 poetas hoje*, Rio de Janeiro, Aeroplano, [1976].
- Hortas, Maria de Lourdes (1979) (org.), *Palavra de mulher. Poesia feminina brasileira contemporânea*, Rio de Janeiro, Fontana.
- Marques, Reinaldo (2008), “Memória literária arquivada”, *Aletria: revista de estudos de literatura*, vol. 18, nº 2, 105-119, <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18210>> (último acesso em: 28/08/2021) .
- Pereira, C. A. M. (1981), *Retrato de época. Poesia Marginal. Anos 70*. Rio de Janeiro, Funarte.
- Ribeiro, Ana Elisa (2020), *O ar de uma teimosia. Trilhas da publicação em Clarice Lispector, Lúcia Machado de Almeida e Henriqueta Lisboa*. Rio de Janeiro, Macabéa Edições.
- Serrani, Silvana (2008), “Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico.” *ALEA*, v. 10, nº 2, 270-287, <<https://www.scielo.br/j/alea/a/fJ3MG8GQ7GVRhzjMSkLmmLP/?lang=pt>> > (último acesso em: 28/08/2021).
- Soares, Antônio/ Costa, Rovílio (orgs) (1982), *Cadernos Literários 6* (Edição Caravela), Porto Alegre, Instituto Cultural Português - Departamento Editorial.
- Tonon, Elisa Helena (2019), “A poesia brasileira em suas antologias: tempo e representação”, *SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa*, <<https://simelp.fflch.usp.br/slp28>>